



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

Reconhecer Jesus presente nos outros

No cristianismo, o outro nunca é estranho: é sacramento de Jesus Cristo.

É o próprio Jesus quem o assegura: “Sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizeste” (Mt 25, 40). O bem que fazemos aos outros, é a Ele que o fazemos, ou deixamos de fazer (Cf. Mt 25, 31-46).

Pe. Carlos Cabecinhas

É importante recordarmos a dignidade sacramental do outro nestes tempos em que vivemos. Recentemente, dominou a atualidade a questão do racismo. Uma situação de violência por motivo racial, nos Estados Unidos, incendiou os ânimos e provocou uma explosão de protestos um pouco por todo o mundo. Mas já antes do aparecimento da pandemia de COVID-19, o drama dos refugiados e as dificuldades do seu acolhimento punham diante de nós os outros como problema. Nas manifestações de racismo, como na resistência ao acolhimento dos refugiados, o outro é sempre olhado com desconfiança e desprezo; é visto como ameaça ao nosso bem-estar e, no extremo, como inimigo.

Na atual situação de pandemia, quase sem nos darmos conta e sem disso termos consciência, corremos o risco de potenciar este olhar os outros como ameaça: ameaça à nossa saúde e à saúde dos que nos são mais queridos. As notícias de pessoas revoltadas por terem profissionais de saúde, que cuidavam de doentes vítimas da pandemia, a viverem no mesmo prédio é um retrato dramático deste medo irracional em relação aos outros. O facto de muitos dos doentes de COVID-19 serem assintomáticos, a insistência no distanciamento físico em relação àqueles com quem contactamos ou nos cruzamos, a facilidade de transmissão do vírus: tudo isto nos leva a olhar para os outros com desconfiança. Desta forma, corremos o risco de estigmatizar os doentes de COVID-19, encarando-os mais como ameaça do que como doentes, que efetivamente são, a necessitar de cuidados e de todo o apoio. A atitude responsável a que somos convidados, de forma muito especial nestes tempos de pandemia, não pode ser confundida com qualquer espécie de estigmatização dos outros que, para nós, cristãos, são sempre presença real de Jesus Cristo.

Se no atual contexto trago a reflexão sobre esta problemática é porque acredito que a mensagem de Fátima é uma veemente chamada de atenção contra o perigo sempre presente da indiferença diante da sorte dos outros e do seu sofrimento e uma verdadeira escola, onde aprendemos a olhar os outros como sacramento de Jesus Cristo. O exemplo dos santos Pastorinhos é significativo do respeito pela dignidade de cada pessoa e da atenção aos outros, expressa em gestos concretos que iam desde a oração por eles e pelos seus problemas, à partilha da merenda com os mais pobres. É Santa Jacinta, de quem celebramos este ano o centenário da morte, quem melhor nos mostra este caminho de cuidado pelos outros e que nos ensina, nestes tempos de pandemia, a ultrapassarmos uma visão dos outros como ameaça. Ela que, em tudo, queria fazer como Nosso Senhor, mostra-nos o que significa reconhecer Jesus Cristo presente nos outros.



Oração e a Paz marcam peregrinação de julho, que celebra o triunfo do Imaculado Coração de Maria

Bispo auxiliar do Porto preside pela primeira vez. Programa da peregrinação mantém formato de junho e de maio.

Carmo Rodeia

D. Vitorino Soares, bispo auxiliar do Porto, presidirá à Peregrinação Internacional Aniversária de julho que celebra a terceira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria. Esta peregrinação, a segunda do ano a ser celebrada com a presença de peregrinos depois do período de confinamento imposto pela pandemia, tem por base a narrativa contada por Lúcia a partir do diálogo com Nossa Senhora, e nela há quatro momentos principais: o pedido de Nossa Senhora de voltarem no dia 13 seguinte; a insistência na oração do terço para o abrandamento da guerra; os pedidos da Lúcia para a cura de algumas pessoas próximas e a promessa de Nossa Senhora de fazer um milagre, em outubro, para que todos acreditassem.

“Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes e em especial quando fizerdes alguns sacrifícios: ‘Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria’, escreve Lúcia nas suas Memórias, sublinhando a dimensão cristológica do acontecimento de Fátima. E a vidente prossegue recordando o diálogo: “Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz.

A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terá paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal conservar-se-á sempre o dogma da Fé”.

Depois de ter mostrado o Inferno e a vida sofrida pelas almas que lá vão parar, na aparição de julho, Nossa Senhora deixou bem vincado qual o remédio para salvar as almas de se perderem, destacando a importância da oração e da conversão.

Esta narrativa será naturalmente enquadrada e lida no contexto do tema do ano pastoral: “Dar graças por viver em Deus”. A peregrinação começa no dia 12 de julho, às 21h30,

com a oração do Terço, seguindo-se a Procissão das velas e a celebração da Palavra. No dia 13, às 9h00, será rezado o terço e às 10h00 terá lugar a Missa Internacional, no Recinto de Oração, com a Bênção dos Doentes. A peregrinação terminará com a Procissão do Adeus.

O bispo auxiliar do Porto presidirá a esta peregrinação pela primeira vez, quatro dias antes de completar o seu primeiro ano de episcopado. O prelado nomeado pelo Papa Francisco quando era pároco de Castelões de Cepeda e Madalena, em Paredes, tem 59 anos e é natural de Penafiel.

Foi ordenado presbítero no dia 14 de julho de 1985, tendo estudado Teologia entre 1979 e 1984. Foi prefeito do Seminário Menor do Bom Pastor entre 1984 e 1987 e capelão militar entre 1987 e 1989. De 1989 a 1994 foi formador de seminaristas como prefeito do Seminário Maior do Porto. Durante dez anos (1989-1999) foi diretor do Secretariado Diocesano da Pastoral da Juventude. Entre 1994 e 2019, D. Vitorino Soares foi pároco de Castelões de Cepeda e, desde 1999, de Madalena em Paredes. É vigário da Vara de Paredes desde 1999. Foi professor de Religião e Moral da Escola do 1.º ciclo de Castelões de Cepeda, entre 1996 e 2014, e assistente espiritual do Conselho da Zona Penafiel Norte das Conferências Vicentinas, entre 1996 e 2013.

Fátima celebra regresso dos peregrinos com um pedido: “teremos de reaprender a gramática da hospitalidade”

O apelo é de D. Américo Aguiar, que presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de junho, a primeira das grandes peregrinações deste ano com a presença de peregrinos depois do desconfinamento, na sequência da pandemia da COVID-19.

Carmo Rodeia



O apelo à reaprendizagem do conceito de hospitalidade e a uma maior atenção aos mais pobres, de forma a que ninguém fique para trás depois da pandemia provocada pela COVID-19, marcou a Peregrinação Internacional Aniversária de junho, a primeira grande peregrinação de verão que contou com a presença de peregrinos em todas as celebrações.

“Uma das grandes lições que a humanidade aprendeu com a COVID-19 é que os nossos pequenos gestos podem ter uma consequência não só em relação a quem está próximo, mas também uma consequência comunitária e mesmo até universal. Perante isto, todos teremos de reaprender a ‘gramática da hospitalidade’”, afirmou D. Américo Aguiar na homília da celebração da Peregrinação Internacional Aniversária de junho, que assinala a segunda aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Esta peregrinação voltou a juntar no Santuário de Fátima os peregrinos que, devido à pandemia e às restrições das celebrações litúrgicas, não puderam participar na peregrinação do mês de maio.

“E aqui chegamos, hoje... voltando, regressando... desconfinando... enchemos com as nossas preces este Altar do mundo, dirigimos o nosso olhar à imagem de Nossa Senhora de

Fátima”, foram as palavras de D. Américo Aguiar. O bispo auxiliar de Lisboa falou da hospitalidade como um “ato racional permanente de acolhimento do outro” necessário nesta altura: “A nossa União Europeia terá de perceber que já não basta ser aquela original comunidade económica e política, mas terá de dar o passo seguinte: ser uma verdadeira comunidade humana, mais hospitaleira, determinada no combate solidário às consequências económicas e sociais desta pandemia, decidida no acolhimento de todos e apostada no respeito pela casa comum que todos habitamos”, sublinhou. O prelado deseja que a solidariedade europeia não seja uma urgência pandémica mas possa resultar da identidade do projeto europeu: “Que a ajuda entre povos e países europeus não resulte do medo provocado por um vírus, mas seja um ímpeto do humanismo e da matriz cristã que caracteriza o velho continente.

O celebrante pediu uma “nova fase da humanidade, a pós-globalização”, nascida a partir da certeza de que a santidade, “que é para todos”, “consiste em acolher com hospitalidade o outro, vítima do efeito socioeconómico da pandemia. “Não permitamos que nos dividam entre novos e velhos, pobres e ricos, brancos e

pretos, do norte e do sul, azuis ou vermelhos, ou outras cores... não deixemos que a nossa velha Europa se queira esquecer, queira arrancar-se das suas raízes... até aqui chegamos, deste modo, à pandemia”, sublinhou. Neste contexto, “talvez possamos entender melhor a urgência de uma economia nova, de Francisco, que não mate”, frisou.

“Os pobres não podem esperar!”

O “caos sanitário” vivido recentemente devido à pandemia da COVID-19 transformará para sempre a vida das pessoas, afirmou D. Américo Aguiar na alocução da Liturgia da Palavra que se seguiu à Procissão das Velas, na noite do dia 12 de junho.

Na sua intervenção, o prelado assinalou que a pandemia remete para uma revisão das identidades genética, social e eclesial: “A pandemia recordou-nos a nossa identidade genética: somos frágeis e mortais. A pandemia confirmou a nossa identidade social: já não pertencemos à nossa pequena comunidade local, mas somos membros de uma comunidade mundial interligada. A pandemia potenciou até uma renovada identidade eclesial, uma Igreja mais doméstica, mais laical e capaz do digital”, argu-

Centenário da escultura de Nossa Senhora de Fátima

O Santuário assinalou, a 13 de junho, o centenário da chegada da escultura de Nossa Senhora de Fátima à Capelinha das Aparições com uma ida da Imagem à exposição “Vestida de Branco”, que é um tributo a esta efeméride.

Depois das celebrações, debaixo de um protocolo de segurança adequado às exigências sanitárias do momento, pôde ser vista no núcleo V da exposição que conta com vários modelos de artistas que, inspirados por esta escultura, reinterpretaram a Imagem da Virgem de Fátima. Esta Imagem foi oferecida por um devoto, Gilberto Fernandes dos Santos, de Torres Novas, em 1920, numa altura em que o Santuário “dava os seus primeiros passos, muito mais por iniciativa popular do que por iniciativa da hierarquia da igreja”, ressaltou o reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas.

Feita de acordo com aquilo que foram as indicações dos Pastorinhos, através dos seus interrogatórios, tornou-se depois o grande símbolo de Fátima.

“Quando se fala de Fátima olha-se para esta Imagem. Quando se vê esta Imagem em qualquer parte do mundo, é a Fátima que ela se liga. É o grande símbolo desta mensagem, o grande símbolo do acontecimento de Fátima”, destacou o reitor.

Para Carlos Cabecinhas esta é uma Imagem “que fala aos fiéis de Nossa Senhora e que os conduz até Jesus, que é o elemento catalisador da devoção daqueles que aqui se reúnem”.

A Imagem mede 1,04 metros e pesa 19 quilos. Os olhos são de vidro e nas vestes e manto foram incrustadas pedras de cristal de rocha, de vidro e diamantes.

A coroa, que a Imagem ostenta apenas nos dias das grandes peregrinações, foi oferecida pelas mulheres de Portugal, em 13 de outubro de 1942; é de ouro, pesa 1,2 quilos e é constituída por 313 pérolas e 2 679 pedras preciosas. Em 1989 foi nela encastada a bala extraída do corpo de João Paulo II após o atentado em Roma.

Da autoria de José Ferreira Thedim, a escultura fez 12 viagens com sentido cultural, três delas ao Vaticano, a pedido dos papas.

Nos primeiros tempos, a Imagem era recolhida por Maria Carreira, a zeladora da Capelinha das Aparições, para sua casa. Por isso, o atentado de 1922 não afetou a escultura.

mentou D. Américo Aguiar.

A pandemia, “mais do que nunca, exige-nos a nossa identidade cristã. Não podemos abandonar o nosso próximo”, continuou o bispo, defendendo que os cidadãos estejam “juntos no combate” à doença e transformem “a sua inevitabilidade numa oportunidade”.

“Que cada pessoa seja mais humana e os cristãos mais autênticos. Nenhum de nós, crente ou não crente, pode dormir descansado se sabe que à sua beira existe uma família que passa fome. Os pobres não podem es-

perar”, avisou, numa alocução em que apresentou a caridade como “o maior poder da Igreja”.

Centrando-se em Fátima, o bispo auxiliar de Lisboa considerou que “há uma coisa que só pode ser aprendida no colo de uma mãe: a verdadeira dimensão do amor”.

“Se hoje estamos aqui, é porque reconhecemos que este colo maternal da Senhora de Fátima continua a ser para nós uma autêntica ‘escola do amor’”, disse, ainda. “Ser cristão hoje é mais uma ‘questão de amor’ do que ‘um assunto doutrinal’”, defendeu D. Américo Aguiar.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

“Rezo para que no fim da pandemia não tenhamos a tentação de voltar a erguer muros”

ENTREVISTA

D. Américo Aguiar, bispo auxiliar de Lisboa, presidiu à peregrinação de junho. Fê-lo pela primeira vez e, nas duas vezes que se dirigiu aos peregrinos, lembrou que é tempo de dar graças por vivermos em Deus e que Fátima, bebendo na escola de Maria, nos ensina que a “graça de Deus não nos substitui” mas deixa-nos “encargos claros” de sermos “mais uns para os outros acabando com barreiras”. O prelado que coordena o Comité Local Organizador da Jornada Mundial da Juventude de 2023, em Lisboa, é o entrevistado da Voz da Fátima.

Carmo Rodeia

Quando e como começou a sua relação com Fátima?

Gostava de começar por uma declaração de interesses nesta circunstância: exatamente há 20 anos eu e outros seminaristas de Portugal, de várias dioceses, trabalhávamos aqui no Santuário, acompanhando o programa “Um dia em peregrinação”. Para mim foi muito importante desenvolver esta missão entre 1995 e 2000. Foi, de facto, um primeiro encontro com o acontecimento, a história e a mensagem de Fátima de forma mais estruturada. E hoje, nesta circunstância especial em que estou aqui, emociona-me a recordação desse tempo. Sempre que peregrinamos, seja numa peregrinação física seja noutra dimensão como aquela experiência dolorosa que tivemos em maio, sempre que peregrinamos – dizia – saímos de nós e, por conseguinte, o objetivo é ficarmos melhor, mais santos de preferência.

É este o valor da peregrinação?

Ao peregrinarmos a Fátima, peregrinamos a esse coração, a esse colo e a esse regaço maternal onde aprendemos o mais essencial da nossa vida. E quem diz as mães, que dão à luz, diz também aquelas mulheres que fazem parte da vida de tantos e que são também mães pelo seu amor, pelo seu testemunho de vida. Sobretudo se olharmos para estas dificuldades... tantas mulheres, em tantas responsabilidades que, a exemplo de Nossa Senhora, têm sido verdadeiras escolas de amor materno. O virmos cá, a Fátima, à casa da Mãe, é um vir à fonte, ao encontro do Senhor, porque é isso que Ela nos ensina: fazei tudo o que Ele vos disser.

Nossa Senhora há cem anos ofereceu o seu coração a Lúcia. De que forma, hoje, isso se pode traduzir na entrega que cada um de nós pode fazer em relação ao nosso mais próximo?

A caridade é a nossa marca. No Hino da Caridade, a certa altura Paulo diz que a caridade não acaba nunca. É essa a marca que nos faz presentes no coração de tanta gente; é essa marca que aprendemos aqui em Fátima. O pedido de oração, esta fraternidade e corresponsabilidade por aquilo que é a salvação dos irmãos e das irmãs, por aquilo que não é meu, aprende-se muito aqui. E, quando vemos que há cem anos isso era dito, e vivemos uma pandemia



em muito idêntica àquela que os saudosos Pastorinhos viveram, não podemos olhar com indiferença para nada.

Isso quer dizer exatamente o quê?

O que não pode acontecer é que olhemos para esta pandemia como mais uma, até porque se olharmos bem para o momento atual quase que vivemos numa mudança epocal.

Uma mudança que continua muito focada no Ser Humano e no seu conhecimento...

Nós vínhamos a falar das mudanças de tempo em razão das mudanças da tecnologia, da revolução do mundo digital e agora vemos que quando estávamos convencidos de que dominávamos a técnica e a ciência, e que ninguém nos apanhava, apareceu-nos uma coisa “nanoscópica” e ficámos todos de joelhos. Ou seja, esta humanidade poderosa, de

potências, dos donos da ciência, dos que controlam tudo e todos e nos vendem esperança bacoca, acaba por se ajoelhar diante de um território que ninguém controla. A natureza e Deus, ao longo da História, tal como o sal e a pimenta, vão-nos temperando mas sempre com o objetivo de que cada um de nós aprenda... E que aprenda que, diante de uma força maior, nada podemos. Por isso, peço e rezo para que estes acontecimentos, que são fraturantes da sociedade, nos ajudem a fortalecer. Tudo será diferente a partir daqui. Tem de ser.

Bem, o papa Francisco na Laudato Si já apontava para estas mudanças alertando-nos para o facto de nós necessitarmos de alterar os nossos comportamentos para podermos ter presente e futuro...

Sem dúvida. Essa encíclica alertava-nos para a necessidade de uma ecologia integral e exorta-nos a

dizer que a economia como existe, exclusivamente centrada no lucro, mata. Penso que estamos todos a perceber de algum modo isto. Perante os olhos e o coração percebemos que esta economia mata. E agora este vírus deixou-a em coma induzido. A questão que se nos coloca é o que queremos fazer a seguir, isto é: queremos voltar aos parâmetros anteriores, às receitas, aos critérios de gestão das famílias e das empresas tal qual tínhamos antes da pandemia ou queremos mesmo redescobrir uma economia que não mate e que cruze aquilo que é uma economia centrada no primado humano, em prol do bem comum?!...

E a Paz: qual é o lugar deste valor essencial para o qual Fátima chama tanto a atenção, não só no sentido de não haver guerra mas de haver mais fraternidade entre os Homens...

Nós fomos habituados, e educados, numa redoma que nos defendesse dos problemas do quotidiano; daquilo que fosse morte, sofrimento, enfim, daquilo a que comumente chamamos de problemas e dificuldades. Fomos sempre protegidos porque fomos poupados. Isso fez de nós filhos da globalização da indiferença; já não somos capazes de chorar uns pelos outros. Fomos como que vacinados para não sofrermos com as tristezas nem partilharmos as alegrias. O que constatamos nestes meses de pandemia é que a redoma partiu e nós ficámos sem defesas. O muro que nos separava e poupava a realidade mais difíceis ruiu e nós ficámos completamente vulneráveis nesta fragilidade. Afinal, descobrimos que somos seres de barro. Toda a Humanidade está a reaprender a viver a sua humanidade. Achávamos que os pobres haveriam de se desenrascar e os ricos nada tinham a ver com o assunto e até estavam salvos, só por serem ricos. Rezo para que no fim da pandemia não tenhamos a tentação de voltar a erguer muros e a separar a fragilidade do poder, a riqueza da pobreza. Somos todos homens e mulheres da mesma humanidade. De outra forma pura e simplesmente não seremos. Dito de outra forma: ninguém pode ficar para trás e nós cristãos teremos de ser os primeiros a dar o exemplo. E há de ser nesta fragilidade que nos vamos reencontrar uns com os outros.

Até nisso há uma semelhança entre o contexto do acontecimento de Fátima e os tempos atuais... do que sabemos sobre a mensagem de Fátima, e daquilo que foi deixado por Maria aos Pastorinhos, o que podemos levar para o mundo a partir de Fátima?

Nesta peregrinação conjuguei a graça e a misericórdia deste apelo à santidade. Daqui levamos esta ideia principal deixada por Maria de que a Graça de Deus não nos substitui e deixa-nos, pelo contrário, encargos claros. Em primeiro lugar, podemos não querer reconhecer que não podemos ir sozinhos na vida; mas, por outro, podemos reconhecer que este caminho faz mais sentido na corresponsabilidade. A graça não nos tira a liberdade mas com ela podemos permitir que a graça de Deus se opere em nós, na nossa vida e a consigamos levar aos outros. A isto chama-se aprender a ser santo; trabalhar para ser santo, não para estarmos num pedestal mas para levarmos aos outros a graça de Deus.

Isto é, na escola de Maria, que é Fátima, percebemos melhor o alcance da expressão do Papa Francisco sobre os santos de ao pé da porta.

A santidade era e pode ser distante, mas só o é na exigência da sua vivência porque todos somos convidados a essa santidade e a vivê-la. Os Santos são homens do barro; é a santidade de classe média e nós podemos ser santos e isso é muito bonito... Ou seja, os santos não são super-heróis; os santos podemos ser todos nós, que também somos convidados a transformar o mundo através das obras de misericórdia. Somos nós homens e mulheres de barro, a que o Espírito Santo dá a vida, e que se transformam e, com essa transformação, transformam a vida dos outros. Aliás, aqui aprendemos, com Maria, como é que estas duas crianças foram capazes de aplicar, na simplicidade da sua vida, os ensinamentos da mãe do Céu.

Sendo a primeira vez que preside em Fátima o que espera levar desta peregrinação?

Quero que Deus nos fale por Maria. O que vou dizer não será o mais importante. Não sei o que vou levar nem o que os peregrinos em geral vão levar; sei apenas que Deus dirá alguma coisa a todos e a cada um de nós, desde que estejamos disponíveis para O ouvir.

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

D. José Ornelas

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Há cem anos Maria, quando se apresentou aos Pastorinhos, fê-lo numa época difícil, num contexto de pandemia, que até vitimou dois deles. Hoje, Maria continua a revelar-se novamente como modelo”.



“Em Fátima, Maria revela esta dimensão materna da Igreja e continua a ser um apelo à humanização da Humanidade”

D. José Ornelas é o novo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, eleito no passado dia 16 de junho. É, por isso, o entrevistado do Podcast #fatimanoseculoXXI. Aos 66 anos de idade, o bispo de Setúbal, da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, tem pela frente vários desafios. Desde logo alavancar o debate sobre a Igreja que queremos depois desta pandemia e o papel que esta reserva aos jovens na véspera de um evento em Portugal, que mobilizará toda a juventude em torno da Jornada Mundial de Lisboa. Nesta conversa, que pode ser ouvida em www.fatima.pt/podcast, o novo líder dos bispos portugueses fala sobre o papel do Santuário na Igreja em Portugal e da atualidade da mensagem de Fátima, numa leitura a partir de Maria como arquétipo de uma Igreja em saída, disponível para a construção de uma nova Humanidade.

Carmo Rodeia

Fátima “é incontornável” na realidade “não só da Igreja mas do país (Portugal) e o que quer que se pense deste lugar, deste acontecimento e desta mensagem, estará sempre presente na vida do país seja para crentes seja para não crentes, afirma D. José Ornelas, bispo de Setúbal e desde dia 16 de junho o novo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP).

“É inevitável o confronto com Fátima no caminho da fé de milhares e milhares de cristãos” afirma o bispo de Setúbal para quem o criticismo “à volta de Fátima” traduz-se muitas vezes num questionamento sobre “se há fé ou não há fé nas pessoas que aqui vêm”.

“A situação das pessoas que dizem vou a Fátima mas não vou à Igreja tem que ser desmontada e estudada como todas as questões religiosas. Na verdade, Fátima chama e isso diz muito da sede de espiritualidade que existe no mundo de hoje e do que esta dimensão materna da Igreja continua a ser como um apelo à humanização da Humanidade que transparece ao longo do Evangelho onde Maria é um ícone presente, desafiador e inspirador da Humanidade”.

“Atualmente não vivemos de modo diferente; há cem anos os pastorinhos não viveram de um modo diferente... quando foram chamados a viver e a construir uma nova Humanidade disseram sim sem reservas, de forma discreta e humilde”.

“Isto não é uma questão piedosa; é o arquétipo da Igreja” esclarece ao adiantar que “quando olhamos para este tempo, com a Igreja com tantos constrangimentos mas a fazer o que deve- respeitar a vida-, estamos a contribuir para algo de novo, que já não é idêntico a ontem”.

“Durante este tempo a Igreja não fechou portas. Deixamos de ter celebrações com fieis não por comodismo ou por medo mas por respeito pela vida. Fizemos o que tínhamos de fazer para agora criarmos um mundo novo”, reforçou.

O prelado ressalva, no entanto, que este tempo novo exige dos cristãos, como há cem anos, uma atitude de compromisso que não pode assentar “nem no comodismo nem no medo”.

de”, afirma D. José Ornelas.

“Há cem anos Maria, quando se apresentou aos Pastorinhos, fê-lo numa época difícil, num contexto de pandemia, que até vitimou dois deles. Hoje, Maria continua a revelar-se novamente como modelo”, acrescenta ao sublinhar que “desde o tempo de Jesus que Ela surge como a nova Humanidade”.

“Ela é a primeira, a mulher da coragem, da nova Humanidade, que reinventa a sua agenda e o seu projecto, deixando-se guiar por Deus e pelo espírito, reinventando o caminho da vida. Ela percebe que algo de novo está a nascer; Ela não sabe o que é mas dedica-se a todo este projecto que desafia toda a vida” refere para acrescentar: “é um tempo novo que Ela não consegue entender mas que grava no seu coração e é obrigada a discernir”.

“Atualmente não vivemos de modo diferente; há cem anos os pastorinhos não viveram de um modo diferente... quando foram chamados a viver e a construir uma nova Humanidade disseram sim sem reservas, de forma discreta e humilde”.

“Isto não é uma questão piedosa; é o arquétipo da Igreja” esclarece ao adiantar que “quando olhamos para este tempo, com a Igreja com tantos constrangimentos mas a fazer o que deve- respeitar a vida-, estamos a contribuir para algo de novo, que já não é idêntico a ontem”.

“Durante este tempo a Igreja não fechou portas. Deixamos de ter celebrações com fieis não por comodismo ou por medo mas por respeito pela vida. Fizemos o que tínhamos de fazer para agora criarmos um mundo novo”, reforçou.

O prelado ressalva, no entanto, que este tempo novo exige dos cristãos, como há cem anos, uma atitude de compromisso que não pode assentar “nem no comodismo nem no medo”.

Neste Podcast #fatimanoseculoXXI, D. José Ornelas fala do papel dos jovens na Igreja e não deixa de fazer uma comparação entre os jovens de hoje e os Pastorinhos, recuperando uma expressão evangélica.

“Nesta pandemia os jovens estiveram na linha da frente nas paróquias, arranjando a forma de transmitir a Eucaristia, fazendo cabazes para levar aos mais necessitados, dando de comer a quem tinha fome. Como no Evangelho, que nos lembra como os pequeninos foram os mais puros de coração, ou como em Fátima com os Pastorinhos, que se entregaram sem reservas. Esta Igreja não é uma Igreja acomodada, nem com medo. É uma Igreja que se abre numa nova comunhão de afetos e partilhas” sublinha.

“Volto a Maria: uma mulher jovem e forte, que teve de defender o seu bebé contra perseguidores, contra preconceitos... Uma mãe que viu rasgar mundos e que ficou perplexa com as opções do Filho, como hoje ficamos, e ficamos tantas mães, que não entendem as opções que os filhos tomam. É essa mulher que importa sublinhar: que não percebe mas, confiante, está disposta a mudar paradigmas”, referiu.

“Esta é a Igreja que queremos; é o arquétipo que nos pode salvar! O mundo precisa desta chave de interpretação sempre renovada” e Fátima “lembra-nos isto todos os dias”.

Neste Podcast, disponível na íntegra em www.fatima.pt/podcast, o novo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa fala ainda da Jornada Mundial da Juventude de 2023, em Lisboa; do papel dos jovens na Igreja e no mundo; da necessidade de criação de uma comunidade intergeracional em que todos possam ser protagonistas e de como bate o seu coração de sacerdote dehoniano, centrado em Cristo, por Maria, numa perspectiva mais intimista.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Maria dos Santos (Carreira) ou Maria da Capelinha (1872-1949)



Maria dos Santos, ao centro da foto, junto à entrada do primeiro alpendre da Capelinha das Aparições.

Não fosse o voluntarismo desta protagonista de Fátima e este ano de 2020 não assinalaria da mesma forma o centenário da chegada da primeira Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima à Capelinha das Aparições. Primeira zeladora da escultura e da Capelinha, foi Maria Carreira que garantiu que aquela Imagem perdurasse no tempo até aos dias de hoje como ícone de Fátima.

Diogo Carvalho Alves | Fontes: Enciclopédia de Fátima e Documentação Crítica de Fátima - Seleção de Documentos (1917-1930)

Em grande parte, o Santuário de Fátima deve a sua existência à iniciativa devota dos fiéis. A Capelinha das Aparições e a primeira Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima são exemplo máximo dessa determinação popular em edificar um espaço de devoção no lugar das Aparições de 1917. Na linha da frente desta proatividade esteve Maria dos Santos, natural da Moita Redonda, um lugar vizinho à Cova da Iria, onde marca presença logo desde a segunda Aparição, a 13 de junho de 1917, bem próxima dos Videntes.

Foi Maria Carreira que começou a limpar e adornar o lugar e a recolher as esmolas que os

primeiros peregrinos deixavam junto à azinheira, a cada dia 13, contributos que, mais tarde, serviriam para edificar a Capelinha das Aparições, cumprindo-se assim o pedido que Nossa Senhora fez aos Pastorinhos, na última Aparição, a 13 de outubro de 1917. Em 1919, quando as esmolas guardadas por Maria Santos Carreira já ascendiam a 357 mil reis de ofertas e quarenta litros de azeite, foi iniciada a construção da capela.

A diligência e dedicação de Maria dos Santos concretizavam-se também no cuidado com que tutelava aquele lugar e viriam a ser particularmente cruciais a 6 de março de 1922,

quando, ao recolher a primeira Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima para sua casa, após as celebrações de cada dia, como habitualmente fazia, evitou a sua destruição, aquando da explosão de uma bomba de dinamite na Capelinha.

Guardiã da Capelinha das Aparições durante 30 anos, até ao seu falecimento, Maria dos Santos foi interrogada pelo padre Manuel Nunes Formigão, num dos primeiros processos para averiguar os acontecimentos de Fátima e, mais tarde, no âmbito de muma comissão diocesana criada para por D. José Alves Correia da Silva para o mesmo efeito.

A PEÇA DO MÊS

CANTICUM
MARIANUM,
HOC EST,
SANCTISSIMÆ DEI
GENITRICIS VIRGINIS
MARIÆ
CANTICUM, NEMPE EIUS
MAGNIFICAT,
LITTERALIBUS PARITER, AC MYSTICIS
ILLUSTRATIONIBUS INVESTIGATUM,
INVESTIGATORE P. MAGISTRO
PETRO DE AMARAL
Societatis IESU, olim in Collegio Conimbricensi ejusdem Societatis
per quindecim annos
SACRÆ PAGINÆ INTERPRETE.



AMARAL, Pedro de – *Canticum marianum, hoc est, Sanctissimae Dei Genetricis Virginis Mariae canticum* [...]. Eborae: ex Typographiae Academiae, 1709.

Canticum marianum

Dada à estampa em 1709 na tipografia da Universidade de Évora, *Canticum marianum* foi composta pelo jesuíta português Pedro de Amaral, professor das cadeiras de Filosofia e de Escritura no colégio conimbricense da Companhia de Jesus. Escrita integralmente em latim, a obra aborda os vários versos do Magnificat, analisando-os literária e simbolicamente, complementando este trabalho com extensos índices de matérias e de de citações bíblicas.

A Biblioteca do Santuário de Fátima possui um exemplar da obra, que se apresenta em razoável estado de conservação, com vestígio de infestação antiga.

Serviço de Arquivo e Biblioteca
Departamento de Estudos

FÁTIMA AO PORMENOR

Os guias do peregrino de Fátima

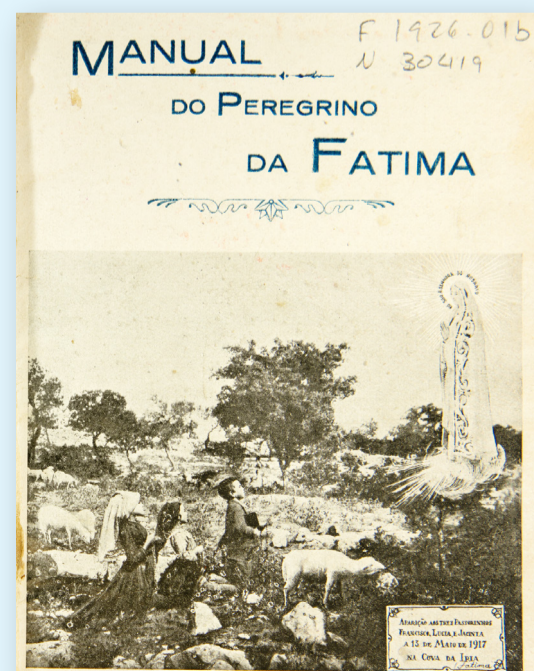
Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Frequentado por inúmeras pessoas desde a primeira hora, é também desde muito cedo que os que geriam o lugar do santuário nascente sentiram necessidade de comunicar com os peregrinos através de subsídios que pudessem qualificar a experiência religiosa dos que vinham celebrar a fé em Fátima.

Entre outros, é também por este motivo que nasce, em 1926, o primeiro subsídio com esta intenção, intitulado “Manual do Peregrino da Fátima”. Através de uma grande tiragem — 10 000 exemplares esgotados em dois anos —, este pequeno livro de bolso coloca nas mãos dos visitantes da Cova da Iria um conjunto de conteúdos preparados em

ordem à vivência da peregrinação: depois do resumo da narrativa das aparições, organiza, em três partes, as diferentes informações (instruções para a vivência do lugar, devocionário, cânticos). As sete edições deste manual foram atualizando os diferenciados campos de informação, deixando de enfatizar os regulamentos sobre o lugar e acentuando os conteúdos relativos à pastoral e à interpretação do espaço.

Em 1978, da autoria de José Galdes Freire, o “Breve Guia de Fátima” antecipa o “Guia do Peregrino de Fátima” que sai do prelo no ano seguinte e se manterá, com atualizações, durante várias décadas, antes de surgir o que foi lançado em 2018.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Naquela noite, o David, do alto dos seus cinco anos, ensinava ao irmão mais novo que, se queria pintá-lo no desenho que estava a fazer, devia usar o marcador castanho e não o marcador “cor de pele”. Intrumeti-me na conversa, com o coração de pai preocupado, para tentar explicar ao David que “cor de pele” é uma paleta onde cabe um arco íris. O David não estava seguro de que eu sabia do que falava e continuou a insistir em distinguir o castanho, cor da sua pele, e a “cor de pele” que era o tom rosa-bege da pele da maioria dos seus amigos de escola. Ele até já

A pele de Deus

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

tinha aprendido que era esse o nome daquela cor. De repente, era como se o David estivesse despido de pele. Foi preciso trazer-lhe um conjunto de lápis das muitas “cores de pele” para que ele pudesse voltar a vestir esse nome, “pele”, com que vestimos a nossa existência.

A pele diz algo do que somos. É claro que nós não somos apenas essa cobertura com que se veste a nossa biologia, mas a pele também não é apenas, nem sobretudo, cor e vestido: é sensibilidade, é toque, é arrepio de medo ou de frio, é “pele de galinha” quando a emoção nos vence, é suor do trabalho comprometido, é identidade, não por nos descrever o exterior mas por manifestar o nosso interior. É uma tragédia que o olhar apenas veja cores diferentes quando

a pele é transparência de tanta vida. É uma tragédia que a cor da pele continue a ser bilhete de identidade que não ausculta a intimidade.

“A única dermateologia que verdadeiramente interessa é a de saber como Deus deixa transparecer quem é.”

Falta talvez perguntarmo-nos sobre a pele de Deus. Não sobre a cor da pele de Jesus, judeu do Oriente Médio de tez escura. A única dermateologia que verdadeiramente interessa é a de saber como Deus deixa transparecer quem é. Falta-nos talvez aprender de Deus que as dife-

renças culturais e os folclores e as roupas e os tons de pele e dos cabelos e toda a aparência do que somos são as nossas circunstâncias que falam de formas diferentes da verdade interior que nos é comum e nos irmana de sermos criaturas de Deus e, em Cristo, filhos herdeiros de uma vida eterna. Falta-nos aprender que somos pele de Deus.

Somos pele de Deus. Nós, que nos vestimos de Cristo, somos igreja onde «não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher» (Gl 3,28), não há preto nem branco, não há direita nem esquerda, não há conservador nem liberal. A pele com que Deus se manifesta hoje ao mundo tem a cor desta igreja que é um mar de gente de todas as cores de todos os cantos da terra chamada a ser «um só

em Cristo Jesus». É precisamente por isso, porque é pele de Deus, que a igreja não pode deixar de se comprometer na luta contra a injustiça dos que absolutizam as cores para não terem de se incomodar a sentirem-se irmanados; é por ser pele de Deus que a igreja não pode deixar de gritar, com a voz do profeta, que a pele das mulheres e dos homens é casca de uma intimidade que é graça e bênção de Deus; é por ser pele de Deus que a igreja não pode deixar de anunciar a boa notícia da festa de Deus num caleidoscópio tanto mais rico quanto mais colorido. Gosto de pensar que, sempre que teimamos em pintar a pele na monotonia de uma cor só, Deus tem o mesmo coração de pai preocupado que eu tinha diante do marcador castanho do David.



OPINIÃO

Laurinda Alves

São difíceis, os tempos que correm. Todos os dias nos chegam notícias de mortos e infetados, a todas as horas se contam famílias que perderam entes queridos, pessoas cada vez mais isoladas, trabalhadores que ficaram desempregados, homens e mulheres em risco de perder a casa e tudo o que têm. A multiplicação de casos de falência, mais as pobreza instantâneas, ou iminentes, enchem-nos de angústias e preocupações.

A solidão dos mais frágeis e o abandono dos mais vulneráveis têm que nos interpelar e fazer agir, pois os doentes ficaram também mais doentes e muitos até sem acesso a tratamentos e medicamentos. Perante a pandemia, a oncologia deixou de ser uma prioridade e nada mais aflitivo do que ver alguém em grande sofrimento físico e padecimento emocional ser obrigado a ir para o fim da fila.

Tudo nos atravessa e tudo nos convoca a refletir e a agir. Ago-

Vimos-te com fome e demos-te de comer

“Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. 37 Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? 38 E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? 39 E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? 40 E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” | Mateus 25:36-40

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

ra, mais do que nunca, somos chamados a ser criativos e efetivos. A distância social não pode confundir-se com ausência, com desistência. Os novos protocolos medem e estabelecem a distância física, mas não impedem a proximidade de coração. Temos que ficar atentos aos que andam mais frágeis à nossa volta, pois aos sofridos pobres que sempre houve e haverá, juntaram-se agora legiões de novos pobres que não podemos ignorar.

“Este é o tempo de visitar a palavra de Deus, de ler e ouvir o que nos diz Jesus, de focar nas obras de misericórdia.”

Ninguém pode argumentar que o distanciamento social nos obriga a afastar-nos dos que precisam, passando ao largo das suas necessidades, porque é

exatamente o contrário. É justamente porque somos forçados a ficar em casa, a não visitar a família e os amigos, que temos que nos preocupar mais. Temos que ficar alerta, vigilantes, atentos aos que precisam da nossa ação, do nosso apoio, da nossa voz, da certeza do nosso abraço, mesmo quando ele só pode ser virtual, mediado por um ecrã ou um telemóvel.

Este é o tempo de visitar a palavra de Deus, de ler e ouvir o que nos diz Jesus, de focar nas obras de misericórdia. Todos nunca seremos demais para apoiar, para salvar, para resgatar. E cada um de nós sabe muito bem onde pode procurar (e encontrar!) os que já estão a sobreviver em condições precárias, em absoluta pobreza ou extrema miséria. Nunca foi difícil identificar os que sofrem, seja pela falta de dinheiro, de saúde ou de companhia, mas agora temos uma luz suplementar com que iluminar as sombras do mundo. Basta querermos ver o que está à vista. E agir.

Nunca como agora foi tão ur-



gente ir ao encontro do outro. Nunca como até aqui tínhamos ficado privados de templos e igrejas, cerimónias e celebrações de culto, onde nos encontrávamos, onde nos reuníamos, onde dávamos o nosso contributo e onde conversávamos e passávamos palavra sobre este ou aquela que estavam mais necessitados. E é também a pensar nisto que

temos que reforçar a nossa generosidade para com a Igreja que ajuda os que sofrem, bem como encontrar meios criativos, mas efetivos, de contribuir para alimentar, vestir, acolher e visitar os carenciados.

E sempre que fizermos isto aos mais pequeninos e vulneráveis, sabemos a quem o estamos a fazer.

Do Altar da Igreja para o coração dos fiéis: Pastorinhos levam a mensagem de Fátima pelo mundo

Os pedidos de relíquias, que não param de crescer, e o surgimento de muitos espaços de culto e oração com a designação dos seus nomes mostram como este culto se está a expandir.

Carmo Rodeia



O culto aos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto passou a ser universal no dia 13 de maio de 2017 depois da sua canonização. Mas o que se desconhecia é que estas duas crianças pudessem hoje ter um papel tão importante e decisivo, e de forma imediata, na vida concreta de tantos crentes, novos e velhos, que lhes são devotos e pedem constantemente a sua intercessão.

Cem anos depois da sua morte-Francisco morreu há cento e um anos e Jacinta há precisamente cem anos- um e outro são objeto de estudo, e a sua curta vida física, mas forte do ponto de vista espiritual, motiva encontros e congressos em todo o mundo católico para refletir e estudar estes dois irmãos a que a Igreja atribui os milagres de terem curado uma parálitica em 1987 e terem salvo uma criança brasileira que sofrera um traumatismo craniano grave, com perda de tecido cerebral, em 2013.

Desde 2017 até hoje foram comunicadas à Fundação Francisco e Jacinta Marto, que absorveu o secretariado da postulação, que terminou com a sua canonização e hoje zela pelo culto aos Pastorinhos em todo o mundo, cerca de seis dezenas de graças obtidas por intercessão dos jovens santos, segundo a interpretação dos fiéis. Na sua maioria, são graças

que revelam questão relacionadas com a saúde e são entregues, de forma esmagadora, por fiéis portugueses.

Também o número de pedidos de relíquias dos dois videntes santos não tem parado de crescer e, desde 2017 até este ano, já foram enviadas pela Fundação mais de 2.200 relíquias para todo o mundo, especialmente para o Brasil, Polónia e agora também Espanha. O ano com mais pedidos registados foi o de 2019, ano do centenário da morte de São Francisco Marto, que registou um total de pedidos de 1.113, na sua maioria do Brasil e da Polónia.

Já no que respeita ao número de Igrejas que têm como principal devoção estas duas crianças refira-se que, a 13 de maio de 2017, a paróquia de Isidro Casanova, em Quesada – Buenos Aires (Argentina), foi estabelecida como Paróquia de Nuestra Señora de Fátima y de los Santos Pastores Francisco y Jacinta. A 13 de maio de 2018, foram declarados os Santos Francisco e Jacinta Marto co-padroeiros do Santuário Nossa Senhora de Fátima em Iturama, Minas Gerais (Brasil). A 11 de fevereiro de 2019, foi instituído o dia 20 de fevereiro como feriado municipal religioso do “Dia dos Santos Pastorinhos Francisco e Jacinta Marto” em Juranda, Paraná (Brasil), a cidade onde residia o jovem miraculado

à altura do milagre. Um ano antes tinha sido erigida a paróquia Los Pastoritos de Fátima, em Pavas, la Cumbre (colombia).

Anualmente a Fundação Francisco e Jacinta Marto, que gere a Casa das Candeias, um espaço museológico evocativo dos Pastorinhos de Fátima, promove ao longo do ano, encontros de cultura e espiritualidade, alusivos aos dois jovens santos, designados “Entre- Luz”, este ano interrompidos devido ao contexto de pandemia que vivemos.

Francisco nasceu em 1908 e Jacinta dois anos depois, numa família humilde. Morreram ainda crianças vítimas da febre pneumônica, não sem antes terem passado por provações que incluíram interrogatórios, períodos de fome e flagelações, sem nunca recuarem na sua versão relativamente às aparições.

O reconhecimento das aparições como fenómeno divino pela Igreja, em 1930, resultou de um longo processo canónico que começou precisamente com os extensos e repetidos interrogatórios às três crianças, conduzidos especialmente pelo padre Manuel Nunes Formigão, um sacerdote nascido em Tomar e nomeado pelo então bispo de Leiria para a Comissão Canónica que estudou os acontecimentos de Fátima.



Uma maturidade espiritual fascinante

“Ainda tenho muita viva, no recanto do meu coração que guarda as memórias mais belas, o dia 13 de maio de 2017. Guardo a voz do Papa Francisco que proclamava santos Francisco e Jacinta e a alegria da multidão em festa, que rejubilava por este maravilhoso dom de Deus à sua Igreja. Mas algo começa a mudar, na forma como os vejo. Nunca considerei os Pastorinhos como “apenas” duas crianças frágeis, como o são todas as crianças, carentes de tudo, como é próprio da infância. A sua maturidade espiritual sempre me fascinou. Contudo, à medida que o tempo passa, e vendo o impacto das suas vidas no coração das pessoas com quem tenho contactado, por esse mundo além, surgem a meus olhos como aqueles que «vêm da grande tribulação; [...]». Por isso, estão diante do trono de Deus e servem-no, noite e dia, no seu santuário” (Ap 7, 14-15). Sim, vejo-os a servirem Deus, como nossos irmãos na fé, que estão junto do Senhor Jesus e da Senhora vestida de sol e falam-lhes de nós. Vejo-os de pé, “com as lâmpadas acesas” (Lc 12, 35) a indicar a um mundo cansado e oprimido a esperança que é Cristo. E a gratidão não cessa de crescer.”

Irmã Ângela Coelho, ASM | Presidente da Fundação Francisco e Jacinta Marto, responsável, entre outras coisas, pela divulgação do culto aos pastorinhos no Mundo. Ex-postuladora da Causa de Canonização dos Santos Francisco e Jacinta Marto.



A Mensagem de Fátima e os tempos de pandemia

Miguel Mendonça | Secretariado Diocesano do Porto – MMF

Desafiado a deixar um testemunho sobre a mensagem de Fátima em tempos de pandemia aceitei fazê-lo, com um voluntarismo muito próprio, apesar de não me reconhecer nem competência, nem erudição, conhecimento profundo ou sabedoria para o fazer. Deixo aqui uma simples visão, toldada ainda pela espuma dos dias, condicionada pelo desconfinamento da mente, que iniciamos com uma maior liberdade de movimentação, e pela liberdade do meu crer cristão.

Creio que todos nós ainda não temos uma perfeita noção de como tudo isto nos afetou ou irá afetar no futuro. Durante algum tempo estivemos confinados às nossas casas; o nosso refúgio e porto seguro foi invadido pelas portinas dos nossos dias, pelos nossos trabalhos, pela escola dos nossos filhos e netos tudo isto em versões desafiantes e, algumas vezes, exasperantes, proporcionadas pelas novas tecnologias. O horizonte do mundo confinou-se e ficou aprisionado entre quatro paredes, originando todo um minguar da nossa capacidade de imaginar para além delas e de sonhar com um futuro mais amplo. Ficamos encafuados, distantes de uma realidade que nos era apresentada de uma forma unívoca e

extravagante pelos meios de comunicação.

Faltou-nos a liberdade, o convívio, a família em sentido alargado, a proximidade e o toque dos outros. A nossa humanidade foi limitada. Foi-nos tirado muito, ainda que por um tempo limitado. Proibidos de frequentar os templos e os sacramentos comunitários, restou-nos a penitência e a oração. A vida não foi a mesma que conhecíamos.

Apesar de tudo isto há sempre coisas, como em todas as mudanças, que vale a pena recordar e lições que nunca se esquecerão.

A minha, pessoal e limitada, visão sobre a Mensagem de Fátima encaixa exactamente neste ponto. Fomos recordados de uma forma brutal e impactante pelos acontecimentos da sua contemporaneidade e importância: esta mesma mensagem que nos foi transmitida em tempos difíceis não muito diferentes dos atuais. Santa Jacinta e São Francisco Marto foram, também eles, vítimas de uma pandemia e aquilo que nos deixaram e o seu exemplo de vida são um farol que nos guia para os tempos correntes. As suas vidas lembram-me sempre uma frase de São João Paulo II que me toca profundamente, até porque era um grito da alma e uma interpelação

a qualquer cristão: “Não tenhais medo!”. Não devemos ser como as pessoas sem fé, não devemos desesperar, devemos agir. E a nossa ação pode travestir várias formas e uma delas é cumprir aquilo que Nossa Senhora pediu aos Pastores em Fátima: Rezaí o terço todos os dias. Peçam a ajuda de Deus para passar este tempo.

Esta foi a primeira mudança durante estes tempos na nossa casa. Recuperamos a recitação do terço em família, todos juntos e unidos, todos os dias – e que bem nos fez! Pedimos por nós, mas pedimos especialmente por aqueles que mais necessitavam. Afastados que estávamos, compreensivelmente, das celebrações comunitárias, trouxemos assim a comunidade, os ausentes, para junto de nós. Este é para mim o esboço geral da Mensagem de Fátima, aliás tão bem ilustrada nas celebrações de 12 e 13 de maio deste ano: um recinto vazio de pessoas mas tão cheio da esperança e da fé do mundo inteiro.

Rezar, rezar sempre, rezar muito, por nós, pelos outros, pelos que mais precisam, por um mundo melhor foi a lição da mensagem que a pandemia me deixou. Rezemos todos pedindo para que a compaixão divina inunde o coração de todos os Homens.



Vinde e aprendei

Pe. Dário Pedroso

Fátima, lugar de oração e de convite à conversão e à santidade de vida, lugar onde a mensagem do Céu nos falou do Coração de Jesus e nos lançou no amor, na reparação ao Coração Imaculado de Maria, tem profundas raízes bíblicas. Saibamos interiorizar o apelo da mensagem centrando-o e alimentando-o na oração com a Palavra de Deus.

1.º Vinde a Mim

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve»

(Mt 11, 28-30).

Das 854 vezes que a palavra “coração” aparece na Sagrada Escritura, o texto que acabámos de ler, coloca diante de nós a primeira vez que o Evangelho nos fala do coração de Cristo. “Vinde a Mim” é convite, é sedução, é apelo. Cristo quer-nos junto d’Ele, unidos a Ele, dentro d’Ele, em total intimidade. Deseja que repousemos

n’Ele, que coloquemos n’Ele os nossos problemas e dificuldades, as nossas dores e cansaços, as nossas fraquezas e pecados, os nossos desejos e sonhos... Ele alivia-nos, liberta-nos, faz-nos viver a paz e a doçura, converte-nos, ajuda-nos.

“Vinde a Mim” é o convite do Amor que é louco e apaixonado por nós. Cristo quer aliviar-nos; seduz-nos e convida-nos para irmos a Ele que é o nosso repouso e o nosso refúgio. Quer que descansemos n’Ele; quer meter-nos n’Ele, quer que façamos oração n’Ele como templo santo de Deus; quer colocar n’Ele, nesse Coração em fogo, nesse abismo de virtude, nesse oceano de graças, nessa fornalha ardente do divino amor, o mundo inteiro, os pecadores, a Mãe Igreja, a nossa família, a nossa paróquia, o problema das vocações, dos doentes, os grandes males do mundo.

2.º Aprendei de Mim

É o próprio Jesus que nos fala do seu Coração e nos convida a entrarmos nessa escola, a aprendermos com Ele, a termos um coração semelhante ao d’Ele. Aos

poucos, de alunos passaremos a peritos do amor e do bem, pois o Mestre far-nos-á entrar na sua intimidade, coração a coração, e ensinar-nos-á os caminhos do amor, a maneira evangélica de amar e servir. No caminho do coração, a meta é o Coração de Cristo que nos ama com amor infinito e quer ser, como Ele diz, nosso repouso, nossa paz, nosso refúgio; quer aliviar as nossas dores, as nossas preocupações, a nossa cruz. No caminho do coração, quanto mais o nosso se assemelhar ao d’Ele tanto mais seremos fermento de um mundo novo, peritos do amor, amando Jesus e os outros, a humanidade inteira, o Papa e as suas intenções, a Igreja nossa Mãe e Mestra, amando, sobretudo, os pobres, os doentes, os que não têm casa, pão, fé, Deus nas suas vidas. Seremos apóstolos do seu Coração, apóstolos da oração, apóstolos do amor fecundo, da vida, da graça, da amizade de Jesus; apóstolos do amor que Se revelou em Fátima na ternura e na misericórdia. Teremos, cada vez mais, um coração semelhante ao d’Ele para incendiarmos o mundo do seu amor, para ajudarmos

a converter o mundo, a salvarmos os pecadores, a repararmos o Coração de Jesus e de Maria, que intercedem por nós, que estão atentos aos nossos pedidos e às nossas vidas, aos nossos sacrifícios e penitência.

3.º Unidos ao seu Coração

Dois corações, um só coração, o d’Ele e o nosso, unidos em profunda intimidade, em comunhão total, em desejo de ter um coração como o d’Ele. Peçamos muito esta graça. A oração, o viver a Mensagem de Fátima, as peregrinações, etc. devem ser escola para tentarmos ter um coração como o d’Ele. As horas de oração, de adoração eucarística, de meditação são para O conhecermos mais interiormente e nos assemelharmos a Ele e levarmos para a vida o seu amor e o seu Coração. Não é o muito saber que farta e sacia a alma mas conhecê-Lo internamente, saborear o seu amor por nós. A nossa história é a história do seu amor por nós, dom e graça, uma história maravilhosa do seu Coração na nossa vida. Tudo vem d’Ele a cada ins-

tante: é bica sempre a jorrar. Rezemos essa história, saboreemos esses dons, vamos junto à “bica”, à fonte, saciar-nos do amor, a apresentar os nossos desejos, os nossos pedidos, as nossas disposições de sermos só d’Ele, sempre d’Ele, a aprendermos a viver como Ele, sempre em paixão pelo Pai e pelo mundo. Que maravilha, que dom e graça! Pedirmos muito esta graça é vivermos mais intensamente a mensagem de Fátima, é centrarmos o nosso ser e a nossa vida n’Ele e no seu Coração, cuja imagem está em frente à Capelinha das aparições, no centro do Recinto do Santuário. Sim, Ele tem de ser o nosso centro, o nosso Tudo, o nosso encanto, a nossa paixão, a vida da nossa vida. Nossa Senhora, a Mãe do Coração Imaculado, que nos pediu que não ofendêssemos mais a nosso Senhor que está muito ofendido, quer o nosso amor e o nosso coração para os oferecer a Jesus. O mundo precisa deles. A Igreja precisa deles. Os outros precisam deles. Nós precisamos de um coração bom e que ame mais, como Jesus, para sermos mais felizes.

Após cem anos, ainda fará sentido falar da devoção ao Coração Imaculado de Maria?

Pe. Manuel Antunes

O pedido de reparação da parte de Nossa Senhora, a proposta dos cinco primeiros sábados e a insistência de Jesus em apressar o cumprimento desta proposta mostram-nos a razão do querer de Deus manifestado por Nossa Senhora na segunda aparição. O modo de responder a este querer de Deus, através da vivência dos cinco primeiros sábados, mostra-nos a atualidade e a urgência desta devoção.

A confirmar tudo isto temos a palavra destes últimos papas manifestando a atualidade e a importância de toda a mensagem de Fátima. Sendo assim, o Movimento da Mensagem de Fátima deve empenhar-se no apelo à devoção dos cinco primeiros sábados.

Estamos num mundo mais preocupado com a cultura intelectual do que com a do coração. Se a cultura da inteligência é importante e necessária, o mesmo se deve dizer da do coração. Sem esta formação, surgem as guerras das armas, as inimizades, os ciúmes e a busca do ter. Verifica-se em muitas famílias esta falta de amor que leva muitas vezes à separação dos esposos e ao desentendimento entre pais e filhos. Ora, na mensagem de Fátima, há um apelo ao amor e à paz. Os Pastorinhos de Fátima aperceberam-se deste apelo e concretizaram-no nas suas vidas.

Vós formadores tendes esta missão de esclarecer e motivar as paróquias a constituírem gru-

pos de pessoas que se dispõem a fazer os cinco primeiros sábados. Para não se repetir a queixa de Jesus de que muitos os fazem apenas para beneficiar das graças prometidas por Nossa Senhora à hora da morte, pedese fidelidade ao esquema proposto. Esta devoção dos cinco primeiros sábados deve ser muito bem explicada, uma vez que estamos a falar a pessoas de boa vontade mas, por vezes, pouco esclarecidas.

Ir ao encontro

São importantes e urgentes os contactos pessoais através de encontros diocesanos, regionais e paroquiais. Nalgumas dioceses há centros para a vivência dos primeiros sábados com a presença de sacerdotes para atenderem no sacramento da Reconciliação. Cada secretariado diocesano devia constituir uma equipa de formadores para colaborar neste projeto pastoral sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Se há promessas do Céu em que a devoção ao Imaculado Coração de Maria é fonte de paz e salvação eterna, facilmente se deduz que há urgência numa resposta.

A devoção dos cinco primeiros sábados, conforme o que fica dito, é um bom caminho que nos conduz à paz e à salvação.

Terminamos com o comentário do Papa Emérito Bento XVI às palavras de Nossa Senhora “Por fim,

o Meu Coração Imaculado triunfará”: “Querida, no fim do comentário à terceira parte do segredo, referir outra palavra-chave do segredo que justamente se tornou famosa – O Meu Coração Imaculado triunfará – Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte do que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie.

O sim de Maria

O Fiat de Maria, a palavra do Seu Coração, mudou a história do mundo porque introduziu nele o Salvador. Graças àquele ‘Sim’, Deus pôde fazer-Se Homem no nosso meio e tal permanece para sempre. Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder porque a nossa liberdade se deixa desviar de Deus. Mas desde que Deus passou a ter um coração humano e, deste modo, orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale, desde então, está expresso nesta frase: “No mundo tereis aflições, mas tende coragem. Eu venci o mundo” (Jo 16, 33).

A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa: “Por fim, o meu Coração Imaculado triunfará”.

No próximo número falaremos nas condições dos cinco primeiros sábados.



Jacinta e o Papa

Manuel Arouca | Responsável pelos Meios de Comunicação do MMF

Quantas vezes a nossa mente é como um ecrã onde se projeta, em imagens, o que vai na nossa alma! E há uma imagem que se grava repetidamente na minha mente: o Papa, de costas, andando de mão dada com a Jacinta, também ela de costas; andam em direção a um horizonte banhado de luz.

Os três Pastorinhos tiveram a visão da morte do bispo vestido de branco, o tal segredo. E quando esta imagem de Jacinta de mão dada com o Papa povoava a minha mente, pode ser o Papa Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI, Francisco e os que se seguem. É o bispo vestido de branco.

Agora, porquê a Jacinta?... Objetivamente, porque a Jacinta

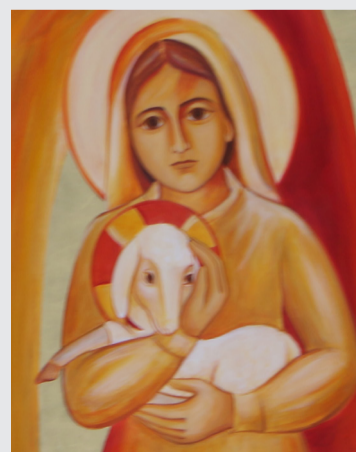
rezava todos os dias ao Santo Padre e repetia muitas vezes “Coitado do Santo Padre, vai ter de sofrer muito, temos de rezar muito por ele”. Também objetivamente, a terceira parte do segredo de Fátima começa com o grito do Anjo: “penitência, penitência, penitência”. Os três videntes levaram a fundo o pedido de Nossa Senhora, também do Anjo de Portugal, na 2.ª Aparição, para fazerem penitência e sacrifícios pela conversão dos pecadores. Mas a Jacinta, objetivamente, foi a que levou este pedido até às últimas consequências. De tal maneira que é Nossa Senhora que lhe pede para temperar esse seu amor pelas pobres almas que podem ir para o Inferno (na quinta aparição – não dormir com a corda

apertada em volta da barriga).

Mas também há um lado subjetivo, de interpretação pessoal, de tentarmos perceber o que se passou a seguir à fantástica visão da terceira parte do segredo através de Nossa Senhora. Vejo mais essa discussão entre a Jacinta e a Lúcia. E a discussão tem uma pergunta central: o bispo vestido de branco, ou seja, o Papa, morre ou não morre?... Lúcia, mais pragmática, no meu ponto de vista, não foge aos factos, aos que viram o Papa a ser atingido mortalmente. Mas Jacinta, naquela sua determinação, naquela sua convicção do que a oração e a penitência podem fazer para mudar o rumo das próprias profecias (como aconteceu na História da Bíblia), tem essa fé de que o Papa se

pode salvar.

Em conclusão, juntando o subjetivo ao objetivo, devido a um livro que escrevi que tem Jacinta como protagonista e que foi publicado na Polónia, dezasseis padres polacos, em visita a



Portugal, convidaram-me para jantar. O que senti? Um profundo agradecimento à Jacinta. São João Paulo II começou a ser salvo de uma morte, numa leitura científica e humana, certa, com as orações e penitências de Jacinta. As suas orações, o seu pedido, a sua fé na salvação do Papa contagiaram milhões e milhões de cristãos que, naquela hora de agonia do bispo vestido de branco, rezaram de coração cheio para que o Papa sobrevivesse ao atentado de 13 de maio de 1981 na Praça de São Pedro.

E Jacinta continua essa caminhada de mão dada com o Papa. Está também nas nossas mãos, orações, penitências, fé, que essas mãos sagradas não se separem.

Cardeal D. António Marto conduziu primeira visita temática à exposição temporária “Vestida de Branco”

“Tota pulchra”: a beleza de Maria foi o tema apresentado pelo bispo da diocese de Leiria-Fátima.

Cátia Filipe

O Santuário de Fátima levou a cabo a primeira visita temática à exposição temporária comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima – “Vestida de Branco”.

Esta visita temática teve como orador o Cardeal D. António Marto, bispo da diocese de Leiria-Fátima, que levou os participantes a refletirem sobre a beleza de Maria — a propósito da temática da exposição.

Com uma configuração diferente, adaptada às circunstâncias vigentes, a visita decorreu a 1 de julho, na Galilé dos Apóstolos, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade.

D. António Marto introduziu a sua reflexão, começando por lembrar o Papa Paulo VI, no final do Concílio Vaticano II, a 8 dezembro 1965, pelo convite aos fiéis a “fixarem o olhar nesta mulher humilde, nossa Mãe”, cuja “beleza de Maria Imaculada se torna para nós um modelo inspirador”.

“Como propor hoje de novo, e de maneira adequada, Maria ao povo de Deus e de maneira a despertar um fervor de renovada piedade?”, questionou o prelado, apresentando a “Via da verdade e a via da Beleza”, como caminho.

O bispo da diocese de Leiria-Fátima considera que a “beleza de Cristo se reflete na santidade dos seus discípulos”. “Maria é um milagre de beleza que, ao longo dos séculos, os artistas tentaram representar e imortalizar, inumeráveis poetas procuraram cantar, incontáveis santos quiseram celebrar”, referiu. Com Maria “é eficaz sobretudo a linguagem da beleza, concretamente da arte e da poesia”.

“Em Cristo, Deus escolheu-nos, por um amor de eleição e predileção, e chega a nós de forma humana através de Jesus Cristo. E Deus realizou isto de forma singular, em Maria, criatura mais bela do universo, e neste desígnio está a raiz da beleza de Maria”, explicou D. António Marto.

O prelado recordou as palavras do Anjo a Maria, referindo que estas não são uma mera saudação, “são um dom, através de Maria, para a humanidade” e, deste modo, “Maria está cheia da presença de Deus, habitada pelo próprio Deus no seu amor”. “Nela estão todas as virtudes que tornam bela a existência humana — fé, esperança e caridade —, considera, lembrando que na espe-



LEGENDA

rança de Maria “encontramos a fé de todos os que querem encontrar Cristo”.

O bispo da diocese de Leiria-Fátima afirmou que “tudo em Maria vive de fé, graça, caridade e dom do espírito, silêncio, contemplação, mansidão, generosidade, paz e, assim, a beleza de Maria acompanha todos os mistérios de Cristo”.

“Maria Imaculada é o rosto

onde se configura Cristo, e é graças à sua intimidade com Cristo que ela é profundamente santificada”, explicou D. António Marto. “Está unida a Cristo como nenhuma outra criatura”, observa, lembrando que “o amor que nos une a Cristo transforma-nos; só o amor vê e descobre a beleza do que está escondido”.

D. António Augusto dos Santos Marto nasceu a 5 de maio

de 1947, em Tronco, concelho de Chaves. Estudou nos Seminários de Vila Real e do Porto e foi ordenado em Roma, no ano de 1971, como presbítero da diocese de Vila Real. Estudou Teologia Sistemática na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, onde se doutorou.

Desde 1977, exerceu atividade docente em diversos âmbitos. É membro da Sociedade Científica

da Universidade Católica.

A 10 de novembro de 2000 foi nomeado bispo, tendo escolhido o seguinte lema episcopal: “Servidores da vossa alegria” (2 Cor 1, 24). Foi bispo auxiliar de Braga, de 2001 a 2004, e bispo de Viseu, desde então até 22 de abril de 2006, data em que recebeu a nomeação para bispo de Leiria-Fátima. Entrou nesta diocese no dia 25 de junho de 2006.

De abril de 2014 até junho de 2020, foi vice-presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, função que também exerceu durante o triénio de 2008-2011. É, desde junho de 2020, vogal do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

A 20 de maio de 2018, foi nomeado cardeal pelo Santo Padre, Papa Francisco, tendo sido elevado ao cardinalato a 28 de junho de 2018, na Basílica de São Pedro, em Roma.

A primeira visita deveria ter sido realizada na primeira quarta-feira do mês de maio, mas, devido às circunstâncias que o país atravessa na sequência da pandemia, só agora foi possível ter lugar.

Esta iniciativa cumpre os requisitos de segurança exigidos para os espaços museológicos.

Esta exposição, até ao dia 13 de março, tinha sido visitada por 58.219. Após um período de encerramento, voltou a reabrir a 19 maio. Neste novo período, e até final do mês de junho, já passaram por este espaço museológico 7.979 visitantes.

Estão agendadas ainda mais três visitas temáticas, sempre na primeira quarta-feira de cada mês: a 5 de agosto, “Singularidades das representações da Virgem Maria nas diferentes épocas históricas — a propósito do Núcleo I da Exposição”, por Marco Daniel Duarte, Diretor do Museu do Santuário de Fátima; a 2 de setembro, “Desafios à conservação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima — a propósito do Núcleo VII da Exposição”, por Ana Rita Santos, Coordenadora do Serviço de Conservação e Restauro do Património do Santuário de Fátima; a 7 de outubro, “A Imagem de Nossa Senhora de Fátima: da criação à difusão de uma nova forma de representar a Virgem Maria — a propósito Núcleo V da Exposição”, por Marco Daniel Duarte, Diretor do Museu do Santuário de Fátima.



FÁTIMA e os PAPAS



A primeira carta de Lúcia a Pio XII

Vidente pediu insistentemente a consagração da Rússia, que havia sido mencionada na aparição de julho de 1917.

Carmo Rodeia | Este texto foi redigido a partir do artigo "Consagração" de Adélio Torres Neiva, Enciclopédia de Fátima (p. 142-150).

A 13 de julho de 1917, Nossa Senhora comunicou aos videntes uma mensagem classificada como a "segunda parte do segredo de Fátima", que mais tarde Lúcia haveria de comunicar depois de autorizada pelo bispo de Leiria: "se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. [...] Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz".

O nome da Rússia só aparece na terceira e quarta memórias da Lúcia e, na verdade, ela toma como seu este pedido que reitera de forma insistente, embora tardasse a chegar ao Papa. Só em 1937 é que o bispo de Leiria cederia e entregaria ao Papa a mensagem de Lúcia: "segundo uma revelação celeste, o bom Deus promete pôr fim à perseguição na Rússia, se Vossa Santidade se dignar e pedir igualmente a todos os bispos do mundo católico de fazer um ato solene e público de reparação e de consagração da Rússia aos Santíssimos corações de Jesus e Maria e se dignar aprovar e pedir a prática da devoção reparadora dos cinco sábados".

Em junho de 1938, depois do retiro anual, os bispos portugueses escrevem ao Papa a reiterar o mesmo pedido: "humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade, rogamos instantemente que, logo que vossa Santidade o julgar oportuno, também o Orbe inteiro seja consagrado ao mesmo puríssimo coração, para que enfim se veja

livre, por uma vez, de tantos perigos que de toda a parte ameaçam e reine a paz de Cristo".

Em outubro de 1940, Lúcia foi autorizada a escrever diretamente ao Papa. E embora existam duas versões da missiva – uma diretamente inspirada pela vidente, outra corrigida pelo prelado diocesano – a verdade é que em ambas existe um itinerário concreto: o pedido insistente ao Santo Padre para a consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, sempre com uma referência à Rússia.

A questão da Rússia era delicada e criava não só um problema diplomático como teológico, como ressalva Adélio Torres Neiva, no artigo que publicou na

Enciclopédia de Fátima. A possibilidade de consagrar um Estado que se dizia abertamente ateu constituía um embaraço para a Santa Sé, que o Papa Pio XII conseguiu ultrapassar. A 13 de maio de 1942, por ocasião dos 25 anos das aparições, bem como dos 25 anos de ordenação episcopal de Pio XII, ambos ocorridos a 13 de maio de 1917, e segundo o Papa confessou, à mesma hora, o assunto foi resolvido: em Portugal com uma peregrinação nacional do episcopado que culminou com a consagração do país ao Imaculado Coração de Maria e, no dia 31 de outubro, com a rádio mensagem difundida em Portugal e dirigida pelo Papa a todos os portugueses. A mensagem

de 35 minutos, em português, não refere diretamente a Rússia mas fá-lo de uma maneira velada: "aos povos pelo erro ou pela discórdia separados, nomeadamente àqueles que vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a vossa veneranda ícone (hoje talvez reservada e escondida para melhores dias) dai-lhes a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro protetor".

A 8 de dezembro, em São Pedro no Vaticano, o Papa Pio XII haveria de renovar a consagração, mas em 1943 a vidente Lúcia faria chegar nova missiva a dar conta de que todas estas formas de consagração eram insuficientes para o cumprimento da promessa. Em 1946, o legado pontifício, cardeal Aloisio Masella, haveria de coroar a imagem de Nossa Senhora de Fátima como "Rainha da Paz e do mundo". A 1 de maio de 1948, na encíclica *Auspícia Quaedam*, recomendava-se a consagração regular das dioceses e das famílias ao Imaculado Coração de Maria. Mas mesmo assim, Lúcia dizia que enquanto não houvesse uma referência explícita à Rússia, as promessas não seriam cumpridas. Essa referência haveria de ser feita apenas em 1952, com a carta apostólica *Sacro Vergente anno*, no dia 7 de julho de 1952, por ocasião da festa de Santo Cirilo e Santo Metódio.

Pio XII ainda voltaria a consagrar o mundo ao Imaculado Coração uma quarta vez, em 1954, durante o ano mariano e quando publicou a encíclica *Ad Coeli Reginam*, mas sem qualquer referência à Rússia, o que desgostava Lúcia. Só com João Paulo II é que a vidente descansou, quando diante da Imagem de Fátima, que se deslocou a Roma a seu pedido, em 1984, o Papa e os bispos fizeram em simultâneo a consagração. Apesar de não se mencionar a Rússia, a consagração terá correspondido ao essencial do que Lúcia pretendia e que pensava ser a resposta à demanda de Nossa Senhora.



OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



Sábado 20 de junho foi o Dia Mundial do Refugiado. O drama dos refugiados está diretamente ligado ao tema deste espaço da Voz da Fátima, que pretende olhar as questões da paz e da liberdade religiosa no mundo com a solicitude que a mensagem de Fátima pede. Importa assim referir um dado significativo: entre os quase 80 milhões de refugiados do presente, segundo a ONU, muitos são-no por razões de perseguição religiosa e, concretamente, são cristãos que fogem dos seus países, perseguidos em razão da sua fé.

Segundo a Fundação AIS, é o que se passa por exemplo na Região do Sahel, na África subsariana: o incremento de atividade de grupos jihadistas terá causado recentemente o aumento de mais 4,6 milhões de refugiados, com destaque para países como o Burkina Faso, a Nigéria e os Camarões, onde a violência contra os cristãos se acentua.

Em Roma, durante o Angelus do dia seguinte, a partir do Evangelho desse Domingo (Mt 10,26-33), o Papa Francisco referiu-se à situação dos cristãos que se veem obrigados a fugir da "perseguição direta do seu povo, inclusive a morte. [...] em todos os tempos: trata-se de uma realidade dolorosa, mas atesta a fidelidade das testemunhas. Quantos cristãos ainda hoje são perseguidos em todo o mundo! Sofrem pelo Evangelho com amor, são os mártires dos nossos dias. E podemos dizer com certeza que são mais do que os mártires dos primeiros tempos: muitos mártires unicamente pelo facto de serem cristãos".

Há muito outro sofrimento, para além da pandemia que nos atinge e pode cegar-nos para a tribulação dos outros. Particularmente esta, a dos refugiados em razão da fé, não pode ser esquecida por quem escuta a mensagem de Fátima.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Santuário de Fátima vai retomar a iniciativa Encontros na Basílica a 26 de julho

A Irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da Causa de Canonização da Irmã Lúcia, apresentará o tema “Lúcia, uma vida plena de Luz”.

Cátia Filipe

ENCONTROS NA BASÍLICA III

Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
26 de julho de 2020 / 15h30

Palestra | **Lúcia, uma vida plena de Luz**
Ângela Coelho

Recital | **António Mota** / ÓRGÃO

Os Encontros na Basílica são uma iniciativa que o Santuário de Fátima promove e que anualmente leva milhares de peregrinos à Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de há uns anos a esta parte, para ouvirem reflexões temáticas sobre Fátima.

No ano pastoral de 2018-2019, esta proposta centrou-se no tema pastoral “Dar graças por peregrinar em Igreja” e abordou, em cinco encontros, conteúdos como a comunidade cristã; o acolhimento; a vivência da fé; o carisma de São Francisco Marto.

Para o ano pastoral de 2019-2020, sob o tema “Dar graças por viver em Deus”, as cinco palestras dos Encontros na Basílica têm o objetivo de apresentar Fátima enquanto chamamento à vida em Deus, abordando temáticas como a vocação batismal à santidade; a conversão como recentramento da vida em Deus e as dimensões de uma espiritualidade cristã à luz da mensagem de Fátima, numa edição em que, no ano em que se assinala o centenário da morte de Santa Jacinta Marto, se aprofundará o seu modelo de santidade e o do seu irmão, São Francisco Marto.

O primeiro destes encontros aconteceu a 12 de janeiro, com a Irmã Sandra Bartolomeu, religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima e membro do Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima, com a temática “Fátima: viver nessa luz que é Deus”. A 8 de março teve lugar o segundo des-

ta série de encontros, no qual a Irmã Ana Luísa Castro, religiosa da Congregação Aliança de Santa Maria, médica de formação e atual coordenadora do Posto de Socorros do Santuário de Fátima, refletiu sobre Santa Jacinta Marto a partir do seu testemunho da entrega simples a Deus, pela renúncia e sacrifício, tomando a



coragem que a vidente demonstrou perante o sofrimento como exemplo de entrega total por amor que cada batizado deve assumir.

O terceiro encontro, estava agendado para 7 de junho, mas, em consequência da pandemia, a data foi alterada para 26 de julho de 2020. A Irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da Causa de Canonização da Irmã Lúcia, apresentará o tema “Lúcia, uma vida plena de Luz”.

Lúcia, a pequena pastora de

Aljustrel, “em 13 de junho de 1917, foi convidada pela Senhora mais brilhante do que o sol, a assumir a missão que o Senhor lhe confiava”, explica a religiosa na sinopse da sua comunicação. A Irmã Ângela Coelho irá abordar o “aparente paradoxo” que ao longo da sua vida Lúcia vai desenvolver: “ser profeta da mensagem que o Céu lhe entregava e maturando no silêncio a palavra com que dirá o Coração Imaculado de Maria”.

A Irmã Ângela de Fátima Coelho, natural do Porto, é religiosa da Aliança de Santa Maria desde 1995. É médica e licenciada em Ciências Religiosas pela Universidade de Comillas, Madrid.

Atualmente é mestra de novícias da sua congregação, diretora da Fundação Francisco e Jacinta Marto e vice-postuladora da Causa de Canonização da Irmã Lúcia.

Após o momento formativo, António Mota protagonizará um recital de órgão.

António Mota é doutorado em Música pela Universidade de Aveiro (tese sobre Olivier Messiaen, orientada pelo Prof. Doutor João Pedro Oliveira) e licenciado em Órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa (sob a orientação do prof. Antoine Sibertin-Blac, com nota final de curso máxima e diploma de mérito). É ainda mestre em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores pelo Instituto Superior Técnico. Organista no Santuário de Fátima desde março de 2020, é também professor

auxiliar convidado na Universidade de Aveiro / Departamento de Comunicação e Arte.

Esta iniciativa está agendada para as 15h30, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com entrada livre.

Para esta reabertura gradual, o Santuário de Fátima definiu estritas medidas de prevenção do contágio da COVID-19, com indicações e recomendações relativas à higienização dos espaços, higiene pessoal, etiqueta respiratória, distanciamento físi-

co, monitorização dos sintomas e proteção individual, junto dos seus colaboradores e nos diversos espaços de atendimento aos peregrinos.

Estão ainda agendados mais dois encontros, a 6 de setembro, com o tema “Fátima: histórias de santidade”, por Marco Daniel Duarte e recital de Pedro Gomes, e a 8 de novembro, com Joaquim Teixeira que falará sobre “Fátima, escola de santidade”, seguindo-se um recital do Coro Ad Libitum.

AGENDA

julho

16 qui	NOSSA SENHORA DO CARMO (Memória Obrigatória)
25 sáb	FESTA DE SÃO TIAGO - APÓSTOLO (Memória Obrigatória)
26 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA “Lúcia, uma vida plena de Luz” Ângela Coelho Recital - António Mota 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
31 sex	SANTO INÁCIO DE LOYOLA (Memória Obrigatória)

agosto

5 qua	VISITA TEMÁTICA Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima 21h15 Convívium de Santo Agostinho
----------	---